

 <https://doi.org/10.56344/2675-4827.v4n2a2023.1>

Contracepção na discência médica: educação, conhecimento e prática

Contraception on medical school: education, knowledge and practice

Nicole Salomão Lopes¹, Livia Limonge¹, João Augusto Gomes de Souza Monteiro de Brito¹, Roberta Mayumi Gonçalves Shinkai¹, Syenne Pimentel Fayal¹

Resumo: A formação dos profissionais de saúde deve incluir a saúde sexual e reprodutiva, destacando-se a anticoncepção. O presente estudo objetivou descrever a abordagem dos métodos contraceptivos na educação médica em uma universidade estadual, além de avaliar o aprendizado sobre esses dispositivos e as práticas pessoais dos estudantes de medicina em relação ao uso. O estudo foi observacional, de caráter transversal, que envolveu 94 discentes matriculados em medicina que cursavam regularmente o segundo, o quarto e o oitavo semestres da graduação. A amostragem adotada constituiu-se em amostragem probabilística, aleatória simples sem reposição. Os dados foram analisados pelo método de estatística descritiva e inferencial. Dos 63,3% dos alunos que já viram o assunto em aula, a grande maioria relatou o terceiro e o sétimo semestre (matérias de ginecologia e obstetrícia) como os momentos desse aprendizado. Ao todo, a média foi de 7,6 acertos das 12 questões aplicadas sobre métodos contraceptivos, que corresponde a um aproveitamento de 63,3%. 7,9% dos participantes relatou o uso eventual de contraceptivos, enquanto 68,3% utiliza em todas as vezes. O conhecimento acerca dos métodos contraceptivos tende a aumentar com a progressão da graduação mas, muitos ainda apresentam comportamento de risco para o desenvolvimento de doenças.

Palavras-chave: Anticoncepção; Ensino; Educação médica; Estudantes de medicina.

Abstract: The training of health professionals must include sexual and reproductive health, with emphasis on contraception. The present study aims to describe the approach to contraceptive methods in medical education at a state university, identifying the stage of graduation during which the teaching is being carried out. Additionally, it assesses the learning outcomes related to these devices and medical students' personal practices regarding contraceptive use. The research was observational and cross-sectional, involving 94 students enrolled in medicine who regularly attended the second, fourth and eighth semesters. It was adopted a probabilistic sampling, simple random sampling without replacement. The data were analyzed using the descriptive and inferential statistics method. Of the 63.3% of students who have seen the subject in class, the vast majority reported the third and seventh semesters (subjects of gynecology and obstetrics) as the moments of this learning. The average was 7.6 correct answers of the 12 questions applied about contraceptives, which corresponds to a 63.3% achievement. 7.9% of the participants

¹ Graduação em Medicina pela UEPA. Contato: nicolesalomaol@gmail.com, llivia221@gmail.com, joaoaugustobrito@hotmail.com, med.robbit@gmail.com

reported the occasional use of contraceptives, while 68.3% used it at all times. The knowledge about contraceptives tends to increase with the progression of graduation, but many still present risk behavior for the development of diseases.

Keywords: Contraception; Teaching; Medical education; Medical students.

Recebimento: 04/05/2023

Aprovação: 15/10/2023

INTRODUÇÃO

A saúde sexual e reprodutiva é uma temática essencial para a atuação do profissional de saúde, principalmente em áreas de vulnerabilidade (MORENO, 2017). Entre a gama de assuntos que envolve esse aspecto da saúde pública está a contracepção, em sua maioria, diversa e que pode ser dividida em métodos definitivos ou não-definitivos (BORBA, 2017).

O conhecimento obtido pelo trabalhador é convertido em maiores opções oferecidas ao paciente atendido, além da melhor instrução acerca do seu uso correto. Caso o conhecimento teórico-prático adquirido tenha irregularidades em seu fundamento, predispõe-se ao uso inadequado, gerando dificuldades para o usuário implementar em sua vida diária as orientações do programa de prevenção às doenças (FLORES, 2017).

Estudos sugerem que os estudantes de medicina dos Estados Unidos não possuem conhecimento suficiente sobre anticoncepção, incluindo neste contexto, treinamentos associados ao tema, mesmo em programas de residência médica (PAULA, 2023; MAPLES, 2020).

No Brasil, é necessário a análise da educação da anticoncepção durante a formação do profissional de saúde. A pesquisa de Giglio (2017) identificou que, apesar da participação dos médicos em uma residência de ginecologia e obstetrícia, isso não significou uma melhora significativa em relação ao conhecimento do uso de anticoncepcionais orais em situações específicas cotidianas. Apesar disto, reforça a importância do treinamento presencial para o aprendizado em saúde sexual e reprodutiva, o que também estimula a confiança dos profissionais na prescrição de medicações, atividades que podem ser realizadas desde a graduação em medicina.

Uma avaliação regular dos ensinamentos em métodos contraceptivos nas faculdades de medicina é necessária para garantir o aprendizado adequado. Saleem (2015) conduziu um estudo sobre os conhecimentos em contracepção com 443 estudantes de medicina de 3 universidades em Karachi no Paquistão, encontrando como resultado que 41,3% dos estudantes consideravam o método contraceptivo mais seguro e que somente uma minoria sabia referir todos os problemas associados ao uso de anticoncepcionais combinados orais, apesar de já terem tido aulas sobre o assunto na universidade. Com isso, os autores sugerem a necessidade de uma educação compreensiva e reforçada para garantir que os futuros médicos consigam atuar adequadamente nesse assunto em suas vidas profissionais.

Diante desse contexto, o presente estudo descreve a abordagem dos métodos contraceptivos na educação médica em uma universidade estadual, identificando em qual momento da graduação está sendo realizado o ensino. Além disso, avalia o aprendizado sobre esses dispositivos e as práticas pessoais dos estudantes de medicina em relação ao uso dos contraceptivos.

MÉTODOS

Aspectos gerais e éticos

Trata-se de um estudo observacional descritivo, de caráter transversal, o qual foi realizado segundo os preceitos da Declaração de Helsinque e do código de Nuremberg, respeitadas as normas de pesquisa envolvendo seres humanos (Res. CNS 466/12) do Conselho Nacional de Saúde, após aprovação do projeto pelo Comitê de Ética, CAAE: 97885818.2.0000.5174, além de haver a utilização de Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) para coleta de dados de cada participante por parte dos pesquisadores.

Seleção e descrição dos participantes

A pesquisa foi realizada em uma faculdade de medicina com metodologia de ensino baseado em problemas, “Problem Based Learning” (PBL), no município de Belém (PA). Foram incluídos todos os discentes que estivessem matriculados regularmente no 2º, no 4º ou no 8º semestre do curso de medicina que aceitaram participar da pesquisa e assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido. Foram excluídos os discentes que não compareceram às aulas regulares no período de aplicação do protocolo de pesquisa, os que não concluíram as matérias de ginecologia e obstetrícia em qualquer período do curso e aqueles que possuíam idade menor que 18 anos.

A escolha de aplicação do protocolo nos referidos semestres ocorreu devido a atual organização de assuntos na grade curricular do curso no cenário do estudo. Há 2 momentos principais de contato com a matéria de ginecologia e obstetrícia e, conseqüentemente, com a temática estudada: o 3º, durante o ciclo básico, e o 7º semestre, durante o ciclo clínico. Assim, a análise foi feita com dados colhidos dos acadêmicos antes e logo após o aprofundamento do conhecimento em tais semestres, ou seja, respectivamente no 2º, no 4º e no 8º semestre, no ciclo básico e clínico.

O ensino da temática de métodos contraceptivos nos referidos semestres ocorre constantemente por meio do método de aprendizado em espiral, de modo que a temática é revisitada em diferentes situações, desde a discussão e o aprendizado em método tutorial, ensino em aulas de semiologia de ginecologia e obstetrícia e até em cenários de prática, tanto em ambulatório específico de ginecologia e obstetrícia quanto no atendimento em cenários de atenção básica a saúde. Dessa forma, o conhecimento é reforçado diversas vezes durante cada um dos semestres, seja durante o ciclo básico, no 3º semestre, ou ao longo ciclo clínico, no 7º semestre.

Informações técnicas

Para a realização dessa pesquisa foi utilizado protocolo baseado em uma literatura acurada sobre o assunto (LEON-LARIOS, 2017; RASELEKOANE, 2016; SIMIONESCU, 2017; LOPES, 2014; NOSHEEN, 2013; FINOTTI, 2015). Desse modo, o questionário é uma adaptação para a realidade local que utiliza os mesmos moldes dos trabalhos referidos, garantindo sua aplicabilidade, compreensão e viabilidade na prática.

O protocolo possuía 29 perguntas e é constituído de 4 domínios: o primeiro é referente à caracterização sociodemográfica da população estudada, definida por 3 aspectos: sexo, idade e semestre atual no curso de medicina; o segundo diz respeito da satisfação do aluno acerca do ensino de contraceptivos na universidade, questionando o estudante se já houve contato com o tema durante a graduação e, se já, quando e em que disciplina. Além disso, também aborda a avaliação da inclusão do assunto durante a formação sob a perspectiva do próprio acadêmico, através da utilização da escala Likert.

O terceiro domínio avalia o conhecimento em si do discente no que se refere à anticoncepção através de sentenças que podem ser consideradas verdadeiras ou falsas pelo estudante de acordo com sua carga de informação na temática; enquanto o quarto refere-se à aplicação do conhecimento do aluno em sua vida pessoal. O protocolo teve como base o instrumento utilizado na pesquisa de Leon-Larios (2017), realizado na universidade de Servilla.

Casuística e coleta de dados

A amostragem foi probabilística, aleatória simples sem reposição. Os dados foram coletados através da utilização do protocolo impresso ou por meio de plataforma online de preenchimento, sendo ambas as formas acompanhadas com o TCLE para o devido aceite do participante.

A população do estudo se constituiu de três turmas de graduação e com 150 alunos ao todo matriculados no momento do estudo. Após consideração de critérios de inclusão e exclusão, 94 alunos foram inclusos na pesquisa.

Metodologia de análise de dados

Os dados foram analisados pelo método de estatística descritiva e inferencial com a utilização do método ANOVA para os dados paramétricos. Essas análises foram feitas por meio do aplicativo SPSS.

Em relação às doze perguntas que buscavam avaliar o conhecimento dos acadêmicos em relação à temática, cada alternativa correta contava-se um ponto, não havendo pontuação se o aluno marcasse 'não sei afirmar' ou erra-se a questão. Foi considerado conhecimento satisfatório aqueles que obtiveram pontuação a partir de 7 acertos.

Para construção de tabelas foi utilizado o software Excel (Microsoft) 2016.

RESULTADO*Ensino no curso de medicina*

Dos 94 participantes, a maioria era do sexo feminino (56,4%), já havia visto a matéria (63,8%) durante a graduação e considerava satisfatório o aprendizado tido (60,6%). Os dados por semestre estão contidos na Tabela 1.

Tabela 1 – Perfil dos alunos participantes de uma pesquisa sobre o ensino de métodos contraceptivos em uma universidade pública. Belém, Pará, 2018.

	2º semestre (n=36)	4º semestre (n=29)	8º semestre (n=29)	Total N (%)
Média de idade (anos)	19,1	20,6	22,3	20,6
Sexo				
Feminino	19	18	16	53 (56,4)
Masculino	17	11	13	41 (43,6)
Já viram a matéria				
Sim	2	29	29	60 (63,8)
Não	34	0	0	34 (36,2)
Satisfação com o aprendizado				
Insatisfatório	7	0	0	7 (7,6)
Pouco satisfatório	13	4	1	18 (19,1)
Neutro	7	4	1	12 (12,7)
Satisfatório	9	21	27	57 (60,6)

Fonte: Protocolo de pesquisa

Dos 63,8% dos alunos que já tiveram aula sobre o assunto, a grande maioria relatou o 3º semestre e o 7º semestre (matérias de Ginecologia e Obstetrícia no ciclo básico e clínico, respectivamente) como as fontes desse aprendizado, outros citados foram: humanidades médicas 1 e saúde pública no sexto semestre.

Os discentes foram questionados sobre o funcionamento dos contraceptivos para avaliar-se os conhecimentos deles sobre o assunto, as perguntas estão na Tabela 2 e os dados por semestre, na Tabela 3. Dentre as questões, as que tiveram maior acerto foram, “coito interrompido é um método contraceptivo muito seguro”, “anticoncepcionais orais são os únicos métodos contraceptivos hormonais existentes”, “ter relações sexuais durante a menstruação é seguro para prevenir gravidez” e “o único método que protege contra IST é a camisinha”, tendo elas, 97,8%, 97,8%, 78,7% e 78,7% de acerto, respectivamente.

Tabela 2 – Resultado do conhecimento dos alunos de medicina do 2º, 4º e 8º semestres sobre contracepção, de uma universidade pública, em Belém- Pará, em 2018.

Perguntas	n (%)		
	Acertos	Não sabiam	Erros
1. Coito interrompido é um método contraceptivo muito seguro.	92 (97,8)	2 (2,2)	0
2. Para utilizar pílulas hormonais, você tem que ter uma consulta com, no mínimo, um médico generalista na Atenção Básica.	70 (74,4)	15 (15,9)	9 (9,7)
3. Ter relações sexuais durante a menstruação é seguro para prevenir gravidez	74 (78,7)	9 (9,7)	11 (11,7)
4. O único método que protege contra IST é a camisinha.	74 (78,7)	3 (3,2)	17 (18,1)
5. Pílulas hormonais são efetivas se você as tomar antes do sexo.	68 (72,4)	15 (15,9)	11 (11,7)
6. Anel vaginal é um método contraceptivo hormonal.	36 (38,3)	19 (20,2)	39 (41,5)
7. Anticoncepcionais orais são os únicos métodos contraceptivos hormonais existentes	92 (97,8)	2 (2,2)	0
8. Métodos baseados na percepção da fertilidade (ex: tabelinha, temperatura corporal, secreção vaginal, etc.) são realmente considerados métodos contraceptivos	5 (5,5)	18 (19,1)	71 (75,94)
9. Espermicida deve ser aplicado no diafragma de 2 em 2 horas sem retirá-lo do canal vaginal	6 (7,4)	51 (53,2)	37 (39,4)
10. Em relação ao diafragma, ele deve ser retirado logo após relação sexual	38 (40,4)	33 (35,1)	23 (24,5)
11. Métodos contraceptivos de emergência induzem o aborto	66 (70,2)	12 (12,7)	16 (17,1)
12. A utilização de dispositivo intrauterino	50 (53,2)	22 (23,4)	22 (23,4)

Fonte: Protocolo de pesquisa

As questões com mais erro foram: “métodos baseados na percepção da fertilidade (ex.: tabelinha, temperatura corporal, secreção vaginal, etc.) são realmente considerados métodos contraceptivos” e “espermicida deve ser aplicado no diafragma de 2 em 2 horas sem retirá-lo do canal vaginal”, que tiveram acerto de apenas 5,5% e 7,4%, respectivamente.

A análise das médias pelo método ANOVA revelou, como apresentado na Tabela 3, diferença significativa entre os estudantes dos diferentes semestres e entre quem já teve ou não aula, mas sem distinção entre os sexos.

Tabela 3 – Associação entre o escore de conhecimento de estudantes de medicina de uma universidade pública a respeito dos métodos contraceptivos e variáveis demográficas, utilizando o método estatístico ANOVA, em Belém (PA), 2018.

Características	Número de participantes	Média do Escore	P value
Sexo			
Feminino	53	7,51	0,486
Masculino	41	7,8	
Semestre			
2	36	7,08	0,06
4	29	7,69	
8	29	8,28	
Teve aula sobre o assunto			
Sim	60	7,95	0,047
Não	34	7,09	

Fonte: Protocolo de pesquisa

Ao todo, considerando apenas as questões acertadas, a média foi de 7,6 acertos, que corresponde a um aproveitamento de 63,3%. Dos 55 alunos que acertaram mais de 7 questões, 45 já relataram ter visto a matéria durante a universidade. Entre os que souberam responder corretamente apenas até sete questões (41), apenas 15 haviam visto.

Em relação aos semestres, os participantes que tinham até 7 acertos eram: 27 do segundo semestre, 12 do quarto e 2 do oitavo. A partir de 8 acertos, o perfil mudava para: 9 do segundo, 17 do quarto e 27 do oitavo. Ou seja, as situações se invertem.

Prática pessoal dos contraceptivos pelos estudantes

Ao todo, 63 participantes disseram ter vida sexual ativa. Destes, 30 homens e 33 mulheres. Os dados relativos ao uso pessoal de preservativos só foram analisados dentre estes 63, para evitar o viés.

Apenas uma participante disse não usar contraceptivos, com a justificativa de sua sexualidade e confiança na parceira. 7,9% dos participantes – todos homens – disseram usar apenas eventualmente. 22,2% disse usar na maioria das vezes e 68,3% utiliza em todas as vezes. Anel vaginal, dispositivo intrauterino (DIU) e espermicida foram questionados, porém não relatados. Os dados relativos ao perfil de utilização dos métodos contraceptivos estão dispostos na Tabela 4.

Tabela 4 - Perfil do uso de métodos contraceptivos de estudantes de medicina de uma universidade pública, em Belém (Pará), em 2018.

	Sexo masculino		Sexo feminino	
	Sim	Não	Sim	Não
Utilizou método contraceptivo em sua última relação	25	5	31	2
Tem prática de sexo oral	28	2	30	3
Utiliza métodos contraceptivos durante o sexo oral	27	1	0	30
Se envolveria numa relação em que não houvesse utilização de métodos contraceptivos	7	23	2	31
Já esteve uma relação sexual, pontual, sem uso de método contraceptivo	16	14	16	17
Método contraceptivo utilizado	Sexo masculino	Sexo feminino		
Apenas método de barreira				
Preservativo masculino	11	6		
Preservativo feminino	0	1		
Apenas método hormonal (anticoncepção oral)	1	3		
Métodos combinados				
Barreira + hormonal	12	12		
Barreira + comportamental	1	4		
Hormonal + comportamental	0	4		
Barreira + Hormonal + Comportamental	5	2		
Não utiliza métodos contraceptivos	0	1		
Motivos para uso dos métodos contraceptivos	Sexo masculino	Sexo feminino		
Prevenção de gravidez	11	19		
Prevenir infecções sexualmente transmissíveis	7	2		
Para as duas finalidades	11	14		

Fonte: Protocolo de pesquisa

DISCUSSÃO

Ensino no curso de medicina

Há uma predominância de mulheres no presente estudo com (56,4%), fato semelhante ao encontrado em outros estudos (LEON-LARIOS, 2017; ROUPA, 2018; BARILENE, 2016).

Entre os participantes, a maioria referiu ter visto a matéria no 3º semestre e no 7º semestre, momentos em que as aulas de ginecologia e obstetrícia são dadas, respectivamente, no ciclo básico e no ciclo clínico. Esses dados são semelhantes a uma pesquisa em que os alunos do internato relataram receber orientações adequadas após cursar a disciplina citada no quarto ano, e sentir melhor aptidão ao prescrever os contraceptivos (GIGLIO, 2015).

Os universitários do segundo semestre, que ainda não viram o assunto, mostram insatisfação igual à encontrada na literatura em que se verificou que o nível de informação sobre planejamento familiar e contracepção de emergência foi insatisfatório (ASUT, 2018). Além disso, o fato de a satisfação ser maior nos outros semestres concorda com outros estudos que demonstraram que o discente, com o avanço no curso, alega um melhor nível de informação sobre a temática (ROUPA, 2018). Outra averiguação, que também compara discentes do início e do final do curso, apresentou a diferença de informação entre os universitários do 1º e do 6º ano (BARILENE, 2016).

Ao todo, considerando apenas as questões acertadas, a média foi de 7,6 acertos, que corresponde a um aproveitamento de 63,3%. A média de acertos em cada período foi 50,68% para o segundo, 67,53% para o quarto e 75,3% para o oitavo. Dos 55 alunos que acertaram mais de 7 questões, 45 já relataram ter visto a matéria durante a graduação. Entre os que souberam responder corretamente apenas até sete questões (41), apenas 15 haviam visto. Em relação aos semestres, os participantes que tinham até 7 acertos eram: 27 do segundo, 12 do quarto e 2 do oitavo. A partir de 8 acertos, o perfil mudava para: 9 do segundo, 17 do quarto e 27 do oitavo. Ou seja, as situações se inverteram. Esses resultados são compatíveis com o que foi observado em outro estudo, que observou progressão no conhecimento acerca de anticoncepção com o passar dos anos no curso de medicina (PROVENZANO-CASTRO, 2017).

Não foram observadas diferenças significativas no número de acertos entre homens e mulheres. Isso vai de encontro ao que foi achado em outros trabalhos, pois observaram que as mulheres, no geral, sabem mais que homens no que diz respeito a contraceptivos, principalmente nos primeiros anos da graduação (POLAK, 2016; RITTER, 2015).

As perguntas 1, 2, 3, 4 e 5 referidas na Tabela 2 também foram realizadas na pesquisa com discentes de diversas áreas na Universidade de Seville, na Espanha, atingindo um percentual de acerto de 97,1%, 84,5%, 92,2%, 80% e 85,8%, respectivamente (LEON-LARIOS, 2017). Comparando com os dados do presente estudo, somente os acadêmicos do oitavo semestre conseguiram resultados similares na maioria das perguntas e um resultado consideravelmente maior na pergunta 4, atingindo 89,7%.

Isso reforça o quanto a educação sobre métodos contraceptivos precisa ser melhor implementada na faculdade de medicina estudada e na sociedade brasileira como um todo, pois mesmo que o estudo supracitado tenha sido realizado com estudantes de áreas que não fossem somente da saúde, eles atingiram resultados semelhantes aos estudantes que viram o conteúdo duas vezes durante o curso universitário. Vale ressaltar que em outra pesquisa verificou-se que o conhecimento sobre anticoncepção é menor em países em desenvolvimento, como o Brasil, sendo compatível com o que foi encontrado na análise dos dados (GIGLIO, 2015).

Uma outra pergunta abordada em outras pesquisas foi a se “métodos contraceptivos de emergência induzem o aborto” (pergunta 11). Nesse ponto, demonstrou consonância com dados de outro estudo o qual apresentou um acerto de 69,9% nessa pergunta (SEABRA, 2012).

Vale ressaltar que todos os tópicos abordados nas perguntas da Tabela 2 foram pesquisados em bases de dados para realização de comparação com resultados de outras literaturas. No entanto, quanto ao restante das perguntas que não foram abordadas individualmente na discussão até agora, não foram encontradas referências que abrangessem esses tópicos, o que reflete no quanto o conhecimento acerca de métodos contraceptivos por estudantes de medicina ainda é uma temática pouco estudada, ressaltando a necessidade de realização de novos estudos sobre isso no Brasil e no restante do mundo.

Prática pessoal dos contraceptivos pelos estudantes

Dentre os participantes da pesquisa, cerca de 70% afirmaram ter vida sexual ativa, dentre eles apenas uma participante relatou não fazer uso de métodos, com a

justificativa de sua sexualidade e de confiança na parceira, dado em consonância com estudo no qual 3% dos entrevistados relataram a homoafetividade como justificativa para não uso de tais meios (BORBA, 2017).

Nesse sentido, quando questionados a respeito da frequência de uso de mecanismos protetivos, 68,3% disseram utilizar em todas as relações sexuais e 7,9% dos participantes – todos homens – disseram usar apenas eventualmente. A partir desses dados, observa-se que porcentagem significativa dos acadêmicos não se previne adequadamente, fato que pode levar a consequências como gravidez indesejada e Infecções Sexualmente Transmissíveis (IST's) (BENITES, 2012). Em consonância a esse resultado, uma outra pesquisa ratificou que estudantes universitários são, especificamente, considerados grupo de risco para esses problemas, mesmo os da área da saúde (SARMENTO, 2018).

No que concerne à justificativa do uso de contraceptivos pelos estudantes, 46,8% o faz para prevenir apenas gravidez. Nesse contexto, nota-se que não há uma preocupação de prevenção combinada, para gravidez e ISTs, realidade também observada em pesquisa realizada com acadêmicas de outra universidade, na qual o principal motivo para o uso da anticoncepção era evitar gestação indesejada (FELIPE, 2013).

Ademais, quando questionados sobre a possibilidade de se envolver, deliberadamente, em uma relação sexual na qual não houvesse o envolvimento de contraceptivos, mais de 80% disse que se envolveria e 50% afirmou já ter se envolvido, dado que concorda com estudo (COSTA, 2017) que evidencia aumento da negligência contraceptiva em relação às IST's, fato verificado em jovens no geral, independente do grau de escolaridade, incluindo estudantes do ensino superior das áreas de saúde, sendo os universitários população altamente exposta a agentes destas doenças, muitas vezes portando-as de forma assintomática (CASTRO, 2016).

Além disso, os graduandos também foram questionados sobre o comportamento na última relação sexual e 11% afirmaram não ter feito uso de nenhum método contraceptivo nessa ocasião, dado semelhante ao encontrado em pesquisa sobre comportamento sexual dos alunos da área da saúde de uma

universidade pública, a qual evidenciou que o uso do preservativo não foi consistente (29,3%) nos últimos 30 dias (PEREIRA, 2014).

Somado a isso, mais de 90% dos acadêmicos que afirmaram ter vida sexual ativa pratica sexo oral e destes, 98,5% não utilizam camisinha ao fazê-lo. Nesse sentido, a análise sobre práticas sexuais e vulnerabilidade para IST's destaca o sexo oral sem proteção como fator relacionado a ascensão para algumas Infecções Sexualmente Transmissíveis como a Herpes (KRABBE, 2016).

No que tange aos tipos de anticoncepção usados pelos graduandos, dos 63 discentes, 24 utilizam método de barreira associado à anticoncepção hormonal oral, cerca de 18 fazem uso exclusivo de mecanismo de barreira – apenas um usa condom feminino; o restante, masculino -, 4 usam apenas anticoncepção oral e 7 associam barreira e hormonal a métodos comportamentais. Tais resultados são discordantes de grande parte da literatura que afirma que o anticoncepcional oral é o modelo preferível de escolha, mas revela que parcela significativa faz uso, isolado ou associado a outros meios (BORBA, 2017; BENITES, 2012; COSTA, 2017; ÂNGELO, 2013).

CONCLUSÃO

Com o presente estudo foi possível observar como o conhecimento acerca de métodos contraceptivos tende a aumentar com a progressão no curso de medicina e que a maioria dos discentes tenderam a considerar satisfatório o ensino dessa temática na universidade, evidenciando uma inserção adequada no programa pedagógico da faculdade analisada. Apesar disso, ainda é necessária significativa elevação nos níveis de esclarecimento acerca do tema para alcançar os atingidos pelos países considerados desenvolvidos.

Somado a isso, mesmo aprendendo sobre anticoncepção e a sua importância, muitos jovens ainda apresentam comportamento de risco para o desenvolvimento de IST's, de modo que se faz necessária uma atuação maior nessa questão para reduzir o comportamento de risco e, possivelmente, a probabilidade de adquirir essas infecções.

Por fim, observa-se ainda que estudos sobre o conhecimento acerca de contraceptivos em estudantes de medicina são muito deficitários. Portanto, faz-se necessário aprofundar pesquisas que elucidem melhor o panorama geral dessa temática, contribuindo para que otimize o aprendizado nas escolas médicas.

Conflitos de interesse: Os autores não têm conflitos de interesse a divulgar.

REFERÊNCIAS

MORENO, C.L.; SEPÚLVEDA, L.E. Conocimientos y prácticas en anticoncepción de los estudiantes de medicina y enfermería de Manizales, Colombia 2015. **Revista Chilena de Obstetricia y Ginecología**, v. 82, n.3, 2017.

BORBA, C.; CARDOSO, M.; MATWIJSZYN, S.; DE MORAES, F. Perfil do uso de métodos anticoncepcionais entre as estudantes dos cursos da área da saúde na Universidade Federal do Tocantins do campus universitário de Palmas. **Revista Amazônia Science & Health**, v.5, n.2, 2017.

FLORES, C.; PETTER, A.; MAIER, S.; SOUZA, P. Hábitos sexuais e prática contraceptiva dos acadêmicos de uma universidade pública no norte de mato grosso. **Saúde (Santa Maria)**, v. 43, n. 1, 2017.

PAULA, B.M.R.; BRUNELLI, D.R.O.; MARCELLINI, C. O uso dos métodos anticoncepcionais por estudantes de Medicina: uma revisão narrativa. **Femina**, v. 51, n. 3, 2023.

MAPLES, J.M.; ESPEY, E.; EVANS, M.L.; BREEZE, J.L.; OGBURN, T.; ZITE, N.B. Obstetrics-gynecology resident long-acting reversible contraception training: the role of resident and program characteristics. **American Journal of Obstetrics and Gynecology**, v. 222, n.4s. 2020.

GIGLIO, M.R.P.; MELO, G.P.; FERREIRA, V.G.; ALBERNAZ, M.A.; RIBEIRO, M.O. Conhecimentos dos Médicos Residentes de Ginecologia e Obstetrícia sobre Contracepção Hormonal em Situações Especiais. **Revista Brasileira de Educação Médica**, v.41, n.1. 2017.

SALEEM, M.D.; TAHIR, F.; SHAH, D.A.; HAIDER, S.S. Medical students' knowledge and perceptions regarding contraception in Karachi, Pakistan. **The Journal of Family Planning and Reproductive Health Care**, v. 41, n. 1, 2015.

LEON-LARIOS, F.; MACÍAS-SEDA, J. Factors related to healthy sexual and contraceptive behaviors in undergraduate students at university of Seville: a cross-sectional study. **Reprod Health**, v.14, n.1, 2017.

RASELEKOANE, N.; MORWE, K.; TSHITANGANO, T. University of Venda's male students' attitudes towards contraception and family planning. **Afr J Prim Health Care Fam Med**, v.8, n.2, 2016.

SIMIONESCU, A.; HOROBET, A.; BELASCU, L. A Statistical Assessment of Information, Knowledge and Attitudes of Medical Students Regarding Contraception Use. **Maedica (Buchar)**, n.12, v.4, 2017.

LOPES, M. **O Ensino/Aprendizagem da Ginecologia–Obstetrícia em Portugal: a visão dos alunos**. Dissertação (Mestrado em Medicina) - Universidade da Beira Interior, Lisboa, 2014.

NOSHEEN, I.; JAMI, H. Translation, Adaptation and Validation of Contraceptive Attitude Scale. **Pakistan Journal of Psychological Research**, v.28, n.2, 2013.

FINOTTI, M. **Manual de Anticoncepção**. São Paulo: Federação Brasileira das Associações de Ginecologia e Obstetrícia (FEBRASGO), 2015.

ROUPA, Z.; MYLONA, E.; SOTIROPOULOU, P.; ARSENOS, P.; KOTROTSIOU, E.; GOURNI M, et al. Planned parenthood and students' knowledge of contraceptive methods. **Health Science Journal**. 2018.

BARILIENE, S. **Comparing the knowledge about contraceptives among 1st and 6th year international and Lithuanian students**. Doutor – LUHS, 2016.

GIGLIO, M.; ANDRADE, L.; DAHER, G.; RIBEIRO, M.; ALBERNAZ, M. Contracepção Hormonal segundo a Ótica do Estudante de Medicina: Mais um Desafio para o Ensino Médico Brasileiro?. **Rev. Bras. Educ. Med**, v. 39, n. 4, 2015.

ASUT, O.; OZENLI, O.; GUR, G.; DELICEO, E.; CAGIN, B.; KORUN O, et al. The knowledge and perceptions of the first year medical students of an International University on family planning and emergency contraception in Nicosia (TRNC). **BMC Women's Health**, v.18, 2018.

PROVENZANO-CASTRO, B.; OIZEROVICH, S.; STRAY-PEDERSEN, B. Health care students at an Argentinean school of medicine: are they well prepared to provide quality sexual and reproductive health services? **Eur J Contracept Reprod Health Care**, v.22, n.3, 2017.

POLAK, K.; PITYŃSKI, K.; BANAS, T.; BUBEL, M.; KAŁWA, M.; JAMROGA J, et al. The influence of medical education level on the Jagiellonian University Medical College medical students' knowledge concerning oral hormonal contraceptive pills. **Folia Med Cracov**, v. 56, n. 4, 2016.

RITTER, T.; DORE, A.; MCGEECHAN, K. Contraceptive knowledge and attitudes among 14–24-year-olds in New South Wales, Australia. **Aust N Z J Public Health**, v.39, n.3, 2015.

SEABRA, LO.; MOREIRA, FHB.; ROCHA, JS.; NERY, IS.; GONÇALVES, LRR. Conhecimento sobre métodos contraceptivos por universitários da área de saúde. In: **17. Encontro Nacional da Rede Feminista Norte e Nordeste de Estudos e Pesquisa sobre a Mulher e Relações de Gênero**, Natal, 2012.

BENITES TRONCO, C.; DELL'AGLIO, D. Caracterização do Comportamento Sexual de Adolescentes: Iniciação Sexual e Gênero. **Gerais: Revista Interinstitucional de Psicologia**, v.5, n.2, 2012.

SARMENTO, M.; SALES, J.; SILVA JÚNIOR, F.; PARENTE, A. Sexual behaviors and the use of contraceptive methods among undergraduate female students of the health area. **Rev Min Enferm**, v. 22, 2018.

FELIPE, T.; JULIATO, P.; ABJAUDE, S.; SILVA, N.; RASCADO R. Avaliação do conhecimento sobre os contraceptivos orais entre as universitárias. **Revista da Universidade Vale do Rio Verde**, v. 11, n. 1, 2013.

COSTA, A.; VAZ, G.; FERNANDES, J.; GIARDINI, M.; REIS, A.; FURTADO I, et al. Práticas contraceptivas entre universitárias da faculdade de medicina de Valença. **Braz. J. Surg. Clin. Res**, v.19, n.1, 2017.

CASTRO, E.; CALDAS, T.; MORCILLO, A.; PEREIRA, E.; VELHO P. O conhecimento e o ensino sobre doenças sexualmente transmissíveis entre universitários. **Ciênc. Saúde Coletiva**, n.21, v.6, 2016.

PEREIRA E SILVA, L.; CAMARGO, F.; IWAMOTO, H. Comportamento sexual dos acadêmicos ingressantes em cursos da área da saúde de uma universidade pública. **REAS**, v.3, n.1, 2014.

KRABBE, C.; BRUM, M.; CAPELETTI, C.; COSTA, T.; MELLO, M.; VIEIRA P, et al. Escola, sexualidade, práticas sexuais e vulnerabilidades para as infecções sexualmente transmissíveis (IST). **Rev. Interdisciplinar de Ensino, Pesquisa e Extensão**, v. 4, n. 1, 2016.

ÂNGELO, G.; DOS SANTOS, M.; DRUMOND, B.; FRANCO A. Uso de métodos contraceptivos por acadêmicas da área de saúde. In: **Anais do V SIMPAC**, São Paulo, 2013.